

Graffiti and pichação are contemporary urban interventions that include divergent discourses about their manifestations. It was the objective of this research, starting with the interviews from six graffitiists, to discuss the discourses that were produced about difference between graffiti and pichação, searching to reflect about the relations between art, aesthetic, intervention and constitution of the individuals in the urban contexts. It was observed that the discourses of the graffitiists enhanced the aesthetic differences from the products of these activities and showed clearly that they are languages that keep moving among them. The two activities make possible that the subjects apprehend another possibility of living and express themselves in the city, establishing other norms, other ethic, and other symbolic order.

Key-Words: Graffiti; pichação; aesthetic;

abstract

Graffiti e Pichação: Relações estéticas e intervenções urbanas

**Janaína R.
FURTADO**

**Andréa Vieira
ZANELLA**

resumo

Graffiti e pichação são intervenções urbanas contemporâneas que implicam discursos divergentes acerca destas manifestações. Objetivou-se, a partir de entrevistas com seis grafiteiros, debater os discursos produzidos acerca da diferença entre graffiti e pichação, buscando refletir sobre as relações entre arte, estética, intervenção e constituição dos sujeitos em contextos urbanos. Observou-se que os discursos dos grafiteiros ressaltam as diferenças estéticas existentes entre as atividades. Ambas as atividades permitem que os sujeitos apreendam outras possibilidades de habitar e se expressar na cidade, impondo-lhes outras regras, outra ética e outra ordem simbólica.

Palavras-chaves: graffiti, pichação, estética;

Pouco a pouco a psicologia brasileira vem ocupando espaço nas discussões e debates sobre arte, embora saibamos que não é recente a aproximação entre essas áreas. O diálogo é fundamental para o desenvolvimento da ciência psicológico, pois, afinal, quem produz arte e quem se relaciona com o mundo sensivelmente são seres humanos que, por meio destas atividades, transformam a realidade, criam novas possibilidades de existência, criando-se e recriando a si mesmos neste processo.

Não obstante as diversas possibilidades de criação e expressão estética, pretende-se aprofundar, neste momento, estas reflexões a partir do graffiti e da pichação urbana, consideradas manifestações estéticas emergentes nas cidades do mundo todo e também como intervenções que irrompem uma dada ordem urbana. Os grafiteiros e pichadores fazem falar para/no/ao urbano de outro lugar, geralmente da margem dos discursos que oficialmente ali são veiculados. Orlandi (2004), ao analisar a produção de sentidos da/ na cidade por meio do graffiti e da pichação, reitera-os como vestígios de novas posições-sujeito possíveis, outros sujeitos simbólicos, outros sujeitos sócio-políticos e cidadãos outros que re-elaboram os signos na sua relação com a realidade, face ao modo como esta mesma sociedade o significa.

Transgressores da lógica racional moderna a partir da qual as cidades frequentemente são construídas (HARVEY, 1990), o graffiti e a pichação entram na cena urbana e ali ora se amalgamam ou se diferenciam de suas variadas manifestações, conforme os grafiteiros e/ou pichadores significam o seu fazer e a relação desse fazer com o modo como essas mesmas atividades foram se constituindo no contexto específico do Brasil.

Enquanto o graffiti vem sendo considerado arte urbana e pouco a pouco cooptado pelo sistema econômico-social vigente (SCHLECHT, 1995), tirado das ruas, ou financiado por diversas agências, proprietários de estabelecimentos comerciais, exposto em museus e galerias; a pichação continua sendo compreendida como a sujeira das cidades. No encaixe desta distinção vigoram as concepções de arte, estética e vandalismo. Se, por um lado, algumas vezes o graffiti é veiculado como arte urbana e/ou expressão estética por meio da qual alguns grupos almejam transformar a realidade social, sendo, portanto, considerado mensagem, arte,

bem como uma ferramenta conveniente para tirar alguns jovens das ruas; a pichação, por outro lado, é ratificada como lixo urbano e os pichadores como meros marginais em busca de adrenalina. Eis que na produção dessa diferença, ou na discussão sobre a diferença, encontramos o ensejo para dialogar sobre psicologia e arte, relações estéticas e intervenções urbanas.

Nossa conversa se fundamenta nos discursos de grafiteiros sobre a diferenciação enunciada entre graffiti e pichação, diferença marcadamente brasileira e que possibilita aprofundar os debates acerca dos modos de constituição dos sujeitos em contextos urbanos. Nos diálogos com os grafiteiros se entretecem reflexões de alguns autores que se dedicam ao debate, caracterizando-se, portanto, este texto como tecitura plural.

Reflexões estéticas, graffiti e pichação

Graffiti e pichação são palavras comuns para os cidadãos brasileiros, acostumados a se deparar com estas práticas nos muros, paredes, portas, ônibus, etc. No entanto, a palavra pichação não existe em outros lugares do mundo para os quais toda escrita urbana e muralismos são denominados como graffiti. Pichação como conceito é um produto brasileiro e designa as escritas urbanas compostas por letras estilizadas, com poucas cores e de rápida reprodução.

Ramos (1994) coloca que, embora o graffiti e a pichação sejam práticas que possuem uma mesma raiz e que, muitas vezes, busquem lugares não autorizados para expor os trabalhos e compartilhem riscos comuns e perseguições, a diferença entre graffiti e pichação está na linguagem empregada. Embora a autora entenda que entre estas duas formas de intervenção haja muitas similaridades, uma vez que se caracterizam como transgressão do espaço urbano, na pichação não há, necessariamente, uma preocupação estética na ação. Os pichadores preferem lugares valorizados socialmente, como museus, igrejas, escolas, instituições, para criticarem e contestarem diversos valores sociais. "Aos pichadores interessa mais o ato, o rito, o aparecer, o transgredir e menos o processo criador" (RAMOS, 1994, p.48).

Estes sujeitos ou grupos, marginalizados pela suas condições sociais, respondem a esta marginalização por meio da pichação urbana, enfocando o ato e não o trabalho final, que do rabisco ao sujo, das frases pornográficas às de amor, procura falar ao urbano. Os grafiteiros, diferentemente, “não pretendem agredir o espaço urbano, do qual eles mesmos fazem parte, mas sim desmistificar os símbolos de dominação cultural deste espaço, e evidenciar as desimportâncias urbanísticas” (RAMOS, 1994, p.50).

Gitahy (1999) destaca ainda que o graffiti procura entrar na dinâmica urbana de forma interativa, privilegiando as imagens em decorrência da sua origem nas artes plásticas, enquanto que na pichação o primordial é a palavra ou escrita pela qual se dá vazão ao descontentamento social e à falta de expectativas de certas camadas sociais urbanas. Para o autor, as posturas destas duas formas de intervenção urbanas são diferentes, sendo preciso considerar estas diferenças para não ser arbitrário em relação ao aparecimento e desenvolvimento destas duas linguagens no Brasil. Entretanto, tanto grafiteiros como os pichadores têm como suporte para suas atividades a cidade como um todo, diferenciando-se de outras manifestações artísticas urbanas.

Outros autores que se debruçaram sobre o graffiti falam da diferença existente entre graffiti e pichação no Brasil (LARA, 1996; LODI, 2003; ORLANDI, 2004). De modo geral, ressaltam que as diferenças na elaboração das formas, implicando uma distinção na percepção estética das mesmas, constituem os fundamentos comumente utilizados para diferenciar o graffiti da pichação. Orlandi (2004) faz uma reflexão acerca da diferença promulgada entre estas práticas e evidencia a pichação como discurso no urbano, no qual e pelo qual, nos limites do indecifrável, os sujeitos se apresentam como sujeitos de vontade, na luta por espaços de significação.

Para além do debate sobre o fato dessas práticas serem consideradas arte ou não, o que foge ao escopo deste trabalho, destaca-se a sua dimensão constitutiva tanto de seus artificios quanto das pessoas que com o graffiti e/ ou pichação se relacionam seja negando, acolhendo, se opondo, contrapondo aos traços e cores objetivados nos espaços urbanos. Mas o que isso significa?

Para a Psicologia Histórico-Cultural um ser humano tornar-se sujeito singular mediado pelas diversas relações que institui com

o mundo e com sua própria existência. Dentre elas, ressaltamos a importância das relações estéticas, relações estas que exigem outra postura do sujeito frente aos objetos, os quais são tomados mais por sua forma e significado do que por sua função utilitária, mesmo que esta coexista no momento em que a relação se firma (VÁSQUEZ, 1999).

Por relações estéticas entende-se uma forma de apropriação do mundo, pautada pela sensibilidade e na qual sujeito e objeto se descolam do imediato, da experiência física e concreta e se constituem, ambos, enquanto estéticos (ZANELLA, 2004). Na relação estética o mundo é re-criado e uma nova compreensão da realidade se constitui na produção de outros sentidos, construídos a partir do olhar que se lança mais aberto às coisas, para além delas. Este olhar mais amplo corteja o mundo seduzido pela possibilidade de forjar novas relações, novas visibilidades, forjando ao mesmo tempo a existência do sujeito que olha e que, olhando, se re-cria.

O olhar estético, historicamente produzido na ininterrupta dialética entre modos coletivos e singulares de se perceber o mundo, estranha o unicamente visível e do visível desliza ao imaginável, objetivando-se no ato criador, ato no qual o estético para mim torna-se possibilidade de ser estético para outro.

Toda criação de algo novo, sendo arte ou não, parte de e engendra outra forma de relação com os objetos do mundo e com as próprias emoções, os quais ganham novos sentidos a partir dessa nova configuração onde se combina o antigo com o novo, supera-se a reprodução do vivido e criam-se as novas possibilidades para a existência singular e coletiva (VIGOSTKI, 2001). Relações estéticas, por sua vez, são o fundamento da elaboração criadora da realidade, pois “relação estética é relação sensível que, no prazer/desprazer, no deleite ou repulsa, forja a própria sensibilidade e se objetiva na atividade criadora” (ZANELLA, 2004, p.139). Não passam, portanto, sem deixar vestígios no psiquismo humano, configurando-se material de base para a elaboração criadora e possibilitando a síntese das emoções implicadas neste processo tão complexo.

Método

O presente artigo resulta de uma pesquisa de mestrado que

objetivou compreender os processos de criação no graffiti e suas implicações no contexto urbano de Florianópolis/SC (FURTADO, 2007). Neste período, pesquisadora entrou em contato com grafiteiros por meio de uma loja de roupas que estava localizada no centro da cidade e que era ponto de encontro de muitos grafiteiros da região. Os donos da loja, também grafiteiros, foram os primeiros interlocutores da pesquisadora e lhes apresentaram vários grafiteiros da cidade, sendo que com alguns deles foram realizadas entrevistas.

Seis grafiteiros da cidade de Florianópolis foram sujeitos de pesquisa, todos do sexo masculinos, com idades entre 20 a 29 anos de idade, e pertencentes a diversos grupos (*crews*) de graffiti da cidade. Todos eles nasceram e viveram parte de suas vidas em outros municípios ou estados e, na época, estavam residindo em Florianópolis há alguns anos. Grafitavam em diversas localidades da cidade, geralmente no centro, mas também em outros bairros, inclusive nos quais moravam.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas com a devida autorização dos participantes¹. Foram marcadas por telefone ou pessoalmente no momento em que a pesquisadora foi apresentada ao grafiteiro. Estas entrevistas ocorreram em diferentes lugares, conforme a escolha dos sujeitos entrevistados, mas geralmente na própria rua onde eles realizavam suas intervenções.

A análise das entrevistas fundamentou-se nas teorias de Bakhtin (1990) e Vigotski (2000). Buscou-se, a partir de regularidades e diferenças nos discursos dos sujeitos, identificar temas, relações e dimensões, configurando unidades de análises que permitiram descrever e compreender os sentidos que os grafiteiros atribuíam ao graffiti e à pichação.

Entende-se que o discurso se produz como ato num contexto singular e irrepitível que possibilita e impossibilita a emergência de certos enunciados, entendidos como unidades reais da comunicação discursiva (BAKHTIN, 1990). Em uma mesma enunciação, enunciados concretos dialogam retrospectivamente e prospectivamente com outros enunciados, produzindo e fazendo circular discursos (BRAIT & MELO, 2005). Toda enunciação constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta mais ampla, que não pode ser separada do curso histórico das enunciações e na qual estão as marcas da subjetividade, intersubjetividade, alteridade que

caracterizam a linguagem em uso.

Nestes enunciados transversalizam-se diversas vozes que se deixam ouvir e não se deixam ouvir no texto, caracterizando o discurso como dialógico e polifônico. O aspecto polifônico do discurso dos sujeitos, ou seja, a multiplicidade de vozes que aparecem no mesmo texto, deve-se justamente pelo fato do discurso ser dialógico e nele o sujeito carregar o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo e a materialidade histórica e social em que está inserido. Em uma entrevista, por exemplo, o sujeito se expressa, mas ocupa o lugar de autor apenas por um ponto de vista que trabalha o texto, está em todo lugar e lugar nenhum, na intersecção entre a forma e o conteúdo (AMORIM, 2002). Por meio dos processos de significação engendradas na situação da entrevista pôde-se recompor o contexto das atividades e seus sentidos para os grafiteiros, localizando os sujeitos, as histórias e as transformações dos processos investigados.

Entre o graffiti e a pichação, um vão?

Longe de querer discutir se uma ou outra atividade se adéqua ou não ao campo das artes, ressalta-se que a diferença entre graffiti e pichação localiza-se no Brasil, o que não ocorre em outros países nos quais os dois tipos de intervenção urbana são consideradas graffitis, produções estéticas em um lugar de fronteira, *boardline* no espaço urbano. Observou-se que no cerne do debate sobre a diferença, configura-se outro debate: estética, o vandalismo e intervenção urbana.

Alguns grafiteiros entrevistados são, de certa forma, também pichadores e costumam colocar seus *tags* em diversos locais da cidade, mesclando as duas atividades. As *tags* são assinaturas em spray de grafiteiros ou suas *crews* que caracterizam o tipo de intervenção realizada na pichação, cujos grafismos foram, a princípio, influenciados pelo movimento de graffiti norte-americano. Aos poucos os pichadores brasileiros desenvolveram estilos de letras e modos de atuação na cidade extremamente diversificados, tornando a estética própria da pichação no Brasil reconhecida no

mundo inteiro (MANCO, 2005).

Por vezes, antes ou depois de uma produção em graffiti, os grafiteiros aplicam algumas *tags* nas paredes, muros, latas, portas, etc. Segundo Japão (entrevistado para esse artigo) a atividade ilegal, rápida e com pouca elaboração, como o *bomb*² ou os *tags*, ação típica de pichadores, apresentam-se como uma espécie de recompensa de uma produção de graffiti, na qual houve um planejamento e maior tempo de execução. Ou seja, antes ou depois de fazer uma produção em graffiti mais elaborada, alguns grafiteiros gostam de aplicar os *tags* ou fazer uns *bombs* para se divertir. Outras vezes é uma forma de mostrar pra cidade que a cidade não pára e que se alguém disser “aqui neste muro não cabe um graffiti”, o grafiteiro vai lá e bombardeia o muro só pra poder mostrar que não adianta frear o movimento, que ele acontece.

De certa forma, os grafiteiros também se reconhecem no reconhecimento que a pichação feita no Brasil tem pelo mundo a fora. Ner, 20 anos, por exemplo, ao responder sobre a diferença entre graffiti e pichação, conta:

São coisas distintas porque muita gente não sabe, mas assim como o carnaval, o samba, a pichação é um negócio nosso, nacional. Tu vai para os Estados Unidos e tu não vê o que tu vê no Brasil. Tu não vê prédio de quarenta andares ser pichado no último andar. É um negócio totalmente nacional, é nosso, é brasileiro e é bem distinto do graffiti (NER, 2006).

Ao mesmo tempo em que Ner denota um reconhecimento da pichação como um produto nacional, singular, característica da cultura urbana brasileira, também identifica a diferença entre graffiti e pichação, embora não afirme claramente qual a diferença entre essas atividades.

Se em um primeiro momento Ner apresenta um discurso que evidencia existir uma diferença entre graffiti e pichação, ao me falar de sua preferência, da sua prática no graffiti, Ner parece se posicionar exatamente em um dos pontos no qual essas atividades se imbricam, mas não as diferencia de todo: a intervenção ilegal, rápida, na qual não há tempo para maiores elaborações da imagem que se faz e que, portanto, possibilita que o produto do seu trabalho se assemelhe ao produto das pichações. Tanto

o graffiti quanto à pichação podem se caracterizar como formas de intervenção urbana ilegal, aquelas que não pedem para passar e acabam, muitas vezes, estando relacionadas ao vandalismo. Neste sentido, o grafiteiro e o pichador querem assinar sua *crew*, colocar seu nome, ou fazer valer a sua escrita, o seu estilo, tornando-se visíveis no mundo das impessoalidades urbanas.

Dos seis grafiteiros entrevistados, Lai foi o que mais atuou como pichador e por mais tempo em São Paulo, onde as gangues de pichação são muitas e em suas disputas querem ser reconhecidas, estar em todos os lugares, em mais lugares possíveis, e nos mais diversos. Lá, participou de uma *crew* de pichadores chamada “Nada Somos”, autodenominavam-se alpinistas urbanos, pois buscavam sempre os lugares mais altos da cidade. Diz: “Antes eu fazia mais vandalismo como eu já te falei. A gente gostava bastante de pichar no alto que era meio que uma disputa a pichação, né? (...) O importante, o foco do pichador é o ibope (LAI, 2006).

Perguntamo-nos se não seriam os objetivos implicados nestas atividades que os sujeitos realizam na cidade um dos aspectos que distingue o graffiti da pichação. A formação de grandes grupos de pichadores, almejando um reconhecimento advindo da quantidade e qualidade de lugares em que inserem os nomes de seus grupos, e uma outra forma de expressão estética, parece se diferenciar dos modos como os grafiteiros atuam nos contextos urbanos e se relacionam com eles e entre si.

Dentro da disputa, a procura do reconhecimento da *crew* por outros grupos e pelos pichadores que inovam ao procurar os lugares, não só mais altos, mas também os mais perigosos, leva Lai a afirmar que “(...) eu considero o movimento mais *underground* que existe na face da terra, a pichação”. *Underground* significaria, então, a pintura no subterrâneo, no suburbano, nos lugares ocultos da cidade, no silêncio da noite. Para Lyn e Ner, o graffiti também pode ser *underground* quando realizado nos becos, valas, túneis, muros destruídos, portas de ferro, o que depende da atitude do grafiteiro, suas formas de expressão. Segundo Lyn,

Atitude e expressão. Cada um tem a sua atitude. Como eu te falei, tem gente que só grafita produção, autorizado, com bastante tinta, com tema ou sem tema. Tem gente que só grafita na rua. Tem gente

que grafita os dois. Tem gente que só picha, daí mais vandalismo. Eu, pra mim, vejo a pichação como “street art”, dependendo do lugar. Eu, por exemplo, não picho na casa da tiazinha. Eu já procuro uma coisa mais “underground”.

Lyn não somente reconhece distintas posturas dos grafiteiros em relação ao trabalho no graffiti, como qualifica a pichação como uma forma de arte de rua, se feita em determinados lugares. Enuncia-se, também, como pichador, porém, um pichador, ao contrário do que socialmente se afirma sobre a pichação, pois não picha em qualquer lugar e prefere aqueles denominados por ele como *underground*.

Segundo Ramos (1994), os grafiteiros costumam se preocupar com o lugar no qual intervêm, diferentemente dos pichadores para os quais importa o protesto e a transgressão, o que Lyn denota ao falar em um momento da entrevista que não picha, por exemplo, na casa da “tiazinha”. Outros grafiteiros, durante as entrevistas, mesmo quando estavam falando dos momentos em que pichavam, fizeram algumas ressalvas acerca dos seus lugares de atuação. Estes, geralmente, não picham muros ou paredes recém pintados pelos proprietários ou monumentos públicos, a não ser que tenham um objetivo de protesto preciso que inclua esses lugares, tornando-os alvos da pichação.

Compreende-se que entre graffiti e pichação há um vão, um abismo no qual sentidos múltiplos podem se fazer ecoar pelas vozes que se expressam pelos mais variados discursos visuais na cidade. Certamente, para iniciarmos o debate acerca da fronteira entre vandalismo ou protesto, arte ou rabiscos desimportantes, legalidades e ilegalidades no graffiti e na pichação, teríamos que esclarecer as tramas articuladas entre os discursos, as ideologias e os contextos sociais.

Os grafiteiros, neste caso, falam como grafiteiros que também picham para um ouvinte/pesquisadora que quer ouvir sobre graffiti e pergunta sobre as diferenças entre graffiti e pichação. Graffiti e pichação se apresentam, portanto, intrincados, hibridizados. O grafiteiro/pichador que grafita aqui, mas não picha ali. Outros pichadores, por sua vez, ocupariam outras posições nos discursos e, portanto, sentidos outros bailariam no ritmo dos sentidos engendrados por estas práticas. Para um urbanista metódico talvez a pichação seja apenas sujeira urbana, sem técnica ou estética;

e o graffiti só técnica sem ética. Nós perguntamos pelo modo como estes sujeitos grafiteiros pesquisados se constituem sujeitos urbanos, grafiteiros/pichadores, que por meio de sua práxis urbana protestam, vandalizam, criam objetos estéticos, arte ou não-arte, num contínuo e descontínuo processo de reinventar a si mesmos.

Estilos e essências: (re) pensando as relações estéticas e intervenções urbanas

Segundo Lyn, a pichação e o graffiti partem da mesma essência, a intervenção ilegal. Quando é perguntado sobre a diferença entre as duas, afirma:

Na essência, no começo, é a mesma coisa porque a pichação e o graffiti ilegal, vai muito disso aí, da ilegalidade porque a pichação é ilegal, é intervenção urbana. Se você fizer um graffiti ou uma pichação num lugar ilegal eles ficam muito parecidos não no estilo, mas na intervenção social.

O fato de o graffiti e a pichação utilizarem o mesmo suporte para suas atividades – a cidade – de dialogarem com o espaço como forma de intervenção social e urbana, geralmente ilegal, dificulta a intenção de diferenciá-las e possibilita hibridizações e semelhanças diversas, bem como que os próprios grafiteiros se apreendam como grafiteiros que também fazem pichações. No entanto, Lyn enuncia uma diferença que se respalda no estilo. Pergunto-me se o discurso de Lyn vai ao encontro do que Ramos (1994) afirma ser um dos elementos que distingue a pichação do graffiti, a linguagem utilizada. O estilo o qual Lyn faz menção é o da elaboração das letras, o tempo exigido para o trabalho e rebuscamento da pintura, ou seja, o modo como o sujeito se insere nos espaços urbanos e intervém neles, assim como o estilo mesmo das letras.

No graffiti parece haver uma preocupação estética com o resultado do trabalho e com o espaço. Não por acaso o tempo exigido para um graffiti, que usa variadas cores e atenta para os contornos, o que não é comum na pichação, é maior. Isso não quer dizer que no graffiti só há imagens com ilustrações e desenhos figurativos e na pichação mais as letras. No decorrer das entrevistas, os jovens esclareceram que no graffiti há letras e personagens,

letras que ganham uma forma singular, passam por um processo criador específico. Porém, na pichação não se faz qualquer letra, são igualmente letras estilizadas, criadas para possibilitar o reconhecimento da *crew*.

Como afirma Orlandi (2004), as letras na pichação são sinais gráficos que representam uma vontade social e comunicam-se entre si fora da ideologia da informação e da comunicação convencionalmente aceitas nas cidades, como os *outdoors* por exemplo. Neste sentido, se na pichação parece não haver preocupação com os rebuscamentos, contornos, fundos e cores da imagem, a imagem produzida também passa por um processo criador singular, envolvendo uma percepção estética por parte de quem as cria e de quem as contempla, impondo, na mesma medida, uma estética outra aos contextos urbanos e para seus transeuntes, que muitas vezes as percebem como letras sem significado, rabiscos na parede.

O aparentemente sem significado significa o urbano, impõe-se como signo urbano, ideológico, irrompendo com as formas cristalizadas de se comunicar e se expressar nestes espaços. Para os pichadores, que passam por um processo de iniciação no próprio movimento, aprendendo a fazer as letras e decodificá-las, essas palavras também significam, referem-se às suas *crews*, à sua existência, às suas escolhas, enfim, a tudo que a ordem simbólica dominante na cidade não viabiliza, renega, esconde, oculta.

A discussão estética no urbano implica, fundamentalmente, em uma discussão ética em relação aos modos como os espaços da cidade podem ser utilizados e por quem. Da mesma maneira, dizer que no processo de criação na pichação não há preocupação estética com o resultado do trabalho ou com o espaço no qual a pichação é colocada, pois o espaço também não é qualquer um e sim aquele que faz sentido ao pichador e aos seus objetivos, é produzir efeitos de sentido, portanto, ideológicos, que vão de encontro com a estética-ética dominante nos contextos urbanos.

No graffiti, por sua vez, há uma elaboração que tange a clareza e a mensagem que transmite, aproximando-se da arte por meio de sua linguagem. Qualquer busca de uma diferenciação estética entre graffiti e pichação não pode significar a pichação como uma atividade onde se faz qualquer coisa. Afinal, as letras passam por

um processo singular, único, de invenção. Estilizadas, possibilitam a diferenciação de um e outro pichador e vem qualificando a atividade no Brasil. E se o lugar, aparentemente, é qualquer um, está ao juízo do pichador, o lugar é justamente aquele capaz de causar impacto, de produzir efeitos a quem passa e a quem se considera proprietário do espaço. Neste sentido, a pichação e o graffiti desprivatizam, tornando públicos alguns espaços da cidade.

Lyn e Ner contextualizam a pichação como uma atividade nacional que começou com a intenção de protesto por volta da década de 60. Deste protesto, a escrita de rua teria passado, segundo Lai, por um processo de evolução. Japão e Pablo também consideram o graffiti como a evolução da pichação e sua decorrência, a evolução da escrita de rua. Neste movimento, o graffiti tornou-se algo mais elaborado, exigindo outras técnicas.

Para Japão, os procedimentos do graffiti – sombreamento, preenchimento da imagem, uso de diversas cores, detalhamento do fundo e da forma – provocam uma diferença estética clara:

Esteticamente a diferença é clara né. Na pichação é só risco, traço, usando uma única cor e no graffiti é mais colorido e mais elaborado, mas hoje já está surgindo o “grapicho”, que é junção dos dois.(...) Os graffitis mesmos estão vindo influenciados pela pichação, por isso que eu te digo que a diferença é mais estética (JAPÃO, 2007).

Japão afirma que a diferença entre graffiti e pichação é estética e se refere a alguns novos graffitis, os “grapichos”, que mesclam as duas atividades. Considera, contudo, que a pichação, tipo *tag* reto, é um produto nacional e que os graffitis são influenciados pelas inovações da pichação. De certa forma, o que Japão possibilita problematizar em seu discurso é que essas duas formas de intervenção urbana se hibridizam e se constituem mutuamente.

A partir da entrevistas com os grafiteiros, percebe-se que, ao mesmo tempo em que afirmam haver uma diferença entre graffiti e pichação, constituem-se como grafiteiros na interlocução com os diversos sentidos apropriados acerca da pichação, muitas vezes atuando também como pichadores ou em uma prática de graffiti que muito se assemelha à pichação. Mesmo que a diferença esteja explícita no discurso, não significa que seja simples estabelecê-la partindo do produto destas atividades ou do modo como os

grafiteiros intervêm nos espaços urbanos.

Entretanto, entendemos que os grafiteiros denotam uma distinção em relação à linguagem utilizada no graffiti e na pichação, que produzem produtos estéticos diferentes. Decorre disso que os processos de criação envolvidos nestas atividades também se apresentam diversificados, na medida em que os grafiteiros procuram criar imagens usando variados elementos para sua elaboração. Por sua vez, são o foco o graffiti e a pichação de valorizações particulares, muitas vezes díspares por parte da sociedade, cujos produtos materiais estão, enquanto signos urbanos, inseridos no campo de disputas ideológicas.

Considerações finais

Embora graffiti e pichação sejam formas de intervenção urbana e a cidade seja o seu suporte, os objetivos destas práticas igualmente se diferem, bem como as relações tecidas entre os sujeitos, deles com esses objetivos e com a cidade. Por vezes, a linha tênue que pode separar o graffiti da pichação perpassa pela legalidade e ilegalidade do trabalho ou, mais precisamente, pelo tipo de intervenção realizada. Dificilmente uma obra mais elaborada, com cores diversificadas, contornos e fundos é confundida com a pichação, no entanto, o movimento de graffiti não se qualifica apenas por produções ou atividades autorizadas. Neste sentido, muitos grafiteiros seriam também pichadores se considerarmos apenas o produto da atividade e não todo o contexto no qual o próprio sujeito está inserido.

Sabe-se que, por um lado, muitos grafiteiros aprenderam sozinhos e entre eles técnicas e procedimentos mais elaborados de graffiti. Por outro, as pichações de hoje são produções extremamente precisas e as suas letras estilizadas podem ser compreendidas como expressões estéticas no urbano. Se os grafiteiros designam diferenças entre graffiti e pichação, elas são, contudo, linguagens inter-cambiantes e se desenvolveram e ainda se desenvolvem de maneira interdependente.

Entre graffiti e pichação evidenciam-se diferenças estéticas e diferenças na maneira de apropriação dos espaços urbanos. Diferenças que não suprimem as possibilidades de seus artífices,

como grafiteiros, por vezes atuarem como pichadores ou valorizarem a pichação como atividade por cujo intermédio podem protestar em relação às tensas dinâmicas sociais entre público e privado. Ademais, entre o autorizado e não autorizado, legal e ilegal, o graffiti e a pichação muitas vezes se assemelham e são compreendidos como práticas marginais, de vandalismo. Se no graffiti os sujeitos utilizam variados elementos para a elaboração da imagem no espaço, configurando diferenças em relação à pichação, na pichação também ocorrem processos de criação e seus produtos também implicam uma outra ética-estética no urbano.

Notas

1 O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos da UFSC em dezembro de 2005. Todos os entrevistados, devidamente esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo os objetivos da pesquisa, e autorizaram a utilização de seus nomes e imagens.

2 Bomb é um estilo de pintura que se assemelha muito à pichação porque é elaborado de forma rápida, sem muito refinamento de desenho e utilizando no máximo três cores de spray e um rolinho para contornos.

Referências bibliográficas

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, n.16, p.7-19. 2002.

BAKHTIN, Michael. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC. 1990.

BRAIT, Beth & MELO, Roseneide. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: conceitos chave*. São Paulo: Contexto. 2005.

FURTADO, Janaina Rocha *Inventi(cidade): os processos de criação no graffiti*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

GITAHY, Celso. *O que graffiti*. São Paulo: Brasiliense. 1999.

LARA, Arthur. *Grafite: arte urbana em movimento*. Dissertação de Mestrado não-publicada. Escola de Comunicação e Artes de São Paulo. 1996.

LODI, Maria Inês. *A escrita das ruas e o poder pblico no projeto Guernica de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado não-publicada.

Pós-graduação em Ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2003.

MANCO, Tristan. *Graffiti brasil*. Londres: Thames & Hudson. 2005.

ORLANDI, Eni P. *Cidades dos sentidos*. Campinas-SP: Pontes. 2004.

RAMOS, Célia Maria A. *Grafite, pichao & Cia*. São Paulo: Annablume. 1994.

SCHLECHT, Neil E.. Resistance and appropriation in Brazil: how the media and "official culture" institutionalized Paulo' s grafite. *Studies in Latin American Popular Culture*: 14, p. 147-170. 1995

VÁSQUEZ, Adolf Sanchez. *Convite esttica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1999.

VIGOTSKI, Liev Semióniovich. *Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: Visor Distribuciones. 2000.

VIGOTSKI, Liev Semióniovich.. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. 2001

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade criadora, produção de conhecimentos e formação de pesquisadores: algumas reflexões. *Psicologia e Sociedade*, v. 16, n.1, p.135-145. 2004

Janaína Rocha Furtado

Mestre em psicologia social pela Universidade Federal De Santa Catarina-UFSC.

Email: janarf1@yahoo.Com.Br

Co-autora:

Andréa Vieira Zanella

Professora do departamento de graduação e pós-graduação de psicologia da Universidade Federal De Santa Catarina-UFSC.

Email: azanella@cfh.Ufsc.Br